

Constituinte assíduo fala sobre tudo

Foto de Gilberto Alves

João Domingos
e Gisele Arthur

BRASÍLIA — Às 14h30m de quinta-feira, 29, o deputado Paulo Ramos (PSDB-RJ) foi ao microfone e pediu à mesa diretora da Constituinte informações sobre seu projeto de decisão nº 4, que proíbe a conversão da dívida externa brasileira. O presidente em exercício, Jorge Arbage (PDS-PA), respondeu: "A mesa estuda o assunto". Depois, revelaria com bom-humor: "Foi a 183ª vez nestes cinco meses que ele fez a mesma pergunta".

Paulo Ramos e Jorge Arbage são dois dos dez *incansáveis* que comparecem todos os dias, pontualmente, à abertura da sessão da Constituinte para fazer pronunciamentos a um plenário ainda vazio sobre temas internacionais, nacionais e regionais. A bancada dos *incansáveis* é ampla ideologicamente e cada um tem sua explicação para tanta pertinácia. É constituída dos deputados Victor Faccioni (PDS-RS), Paulo Delgado (PT-MG), Paulo Paim (PT-RS), Antônio de Jesus (PMDB-GO), Adylson Motta (PDS-RS), Nilson Gibson (PMDB-PE), José Genoíno (PT-SP), Farabulini Jr. (PTB-SP), e Dirce Tutu Quadros (PSDB-RJ).

"Insisto nas explicações sobre meu projeto de resolução porque a dívida externa já vem sendo convertida com grandes prejuízos para o país, explicou Paulo Ramos, para justificar sua insistência. "Acho que tem mais é que gritar. Se não conseguimos os resultados imaginados, pelo menos chamamos a atenção dos outros contituíntes para o fato", ensina Dirce Tutu Quadros, que regularmente faz intervenções críticas à política nacional, à dívida externa, ao presidente José Sarney, ao governador de São Paulo, Orestes Quércia e, a uma semana passada, a seu pai, o prefeito Jânio Quadros. "Com esse discurso, já marquei até alguns gols. Um deles foi a demissão do diretor da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), Paulo Miranda, que denunciei como se fosse um caso de polícia".

Recado — O deputado Victor Faccioni vai além do microfone. Usa também o telex. Critica, denuncia, pede providências. Depois, comunica ao órgão ou pessoa atacados por ele, o teor de seu pronunciamento. "Tenho procurado não fazer dos discursos um simples recado político, e sim o inverso, direcionando ao governo e a suas lideranças o que é transmitido pelos meus eleitores".

Dos *incansáveis*, dois confessam que só atuam com tanto afinco no início da sessão porque o discurso sempre é transmitido pela *Voz do Brasil*. "Tenho um estudo que indica que 20 milhões de pessoas ouvem a *Voz do Brasil*. Como meu eleitorado concentra-se em grande parte na zona rural, tenho muito retorno", afirma Paulo Paim. "Só faço meus discursos sobre temas regionais de Pernambuco. Ali todos ouvem o programa no rádio e sabem que atuo muito", fala Nilson Gibson.



A bancada dos incansáveis faz tudo para aparecer na Voz do Brasil

Adylson Motta gaba-se de ser um recordista: fez 208 pronunciamentos em 299 sessões da Constituinte, 114 em 56 sessões da Câmara e 37 em nove do Congresso Nacional. "Fui eleito para trabalhar. Sei que acabo sendo prejudicado, pois quem fica nas suas bases continua a fazer política e eu permaneço longe. Acho que o retorno em termos eleitorais não é grande", diz ele. Adylson Motta ausentou-se de apenas três sessões: "Para guardar luto pela morte de meu pai".

Carnaval — Os temas dos pronunciamentos de Antônio de Jesus são outros. E chegam a irritar os demais *incansáveis*. Fala para a comunidade evangélica. Já pregou o fim do Carnaval, a manutenção da censura, a indissolubilidade do casamento e condenou, olhando para José Genoíno, a prática do aborto. "Faço discursos aqui visando atingir até a comunidade evangélica do Peru e da Colômbia. A *Voz do Brasil* chega lá", diz ele.

O deputado Farabulini Jr. é dono de um dos mais confusos discursos. E só deixa o microfone após inúmeros apelos da mesa e o apito da campanha de advertência. Inflama-se facilmente e sua voz, grave, ecoa pelos altofalantes espalhados por todos os cantos do Congresso. Delegado de polícia licenciado,

seu tema predileto é a instituição da pena de morte no Brasil.

O petista José genoíno tem dois objetivos em seus discursos: divulgar a mensagem do PT (é quase sempre o orador oficial) e orientar os companheiros nas questões regimentais. Costuma correr até o microfone seguidas vezes num mesmo dia. "Meu negócio é trabalhar. Por isso, nem trouxe a família", brinca. Ao contrário de Genoíno, que fala muito, o deputado Paulo Macarini (PMDB-RS) limita-se a encaminhar seus discursos à mesa e dá-os como lidos. Mas atinge o objetivo: aparecer na *Voz do Brasil*.

Paulo Delgado, de tanto ocupar o microfone para cobrar a punição aos *faltosos*, ganhou o apelido de *bedel*. Para dar o exemplo com sua presença, passou a ser o primeiro a chegar, antes mesmo da abertura da sessão. Certa vez, por coincidência, os outros *incansáveis* se atrasaram alguns minutos. Mas Arbage, que orgulha-se de nunca ter iniciado a sessão com um segundo de atraso, recusou-se a se render à absoluta falta de quórum. Chamou Paulo Delgado e disse: "Só temos nós dois. Você vai ter que ler a ata". Um foi o presidente e outro o secretário, como manda o regimento, mesmo para um plenário às moscas.